

S. Afonso Maria de Ligório

27 de Setembro de 1796: na casa de campo da família Ligório, uma das mais nobres de Nápoles, respira-se um clima de expectativa e contida alegria... até que se ouve o primeiro choro do primogénito da família que naquele fim de verão recebeu o nome de Afonso Maria de Ligório. O seu pai era o capitão da frota de galés do Reino de Nápoles; a sua mãe era descendente de uma ilustre família que desde longe brilhava na advocacia. Grandes coisas se esperavam deste menino, o primogénito dos Ligórios de quem Nápoles falava...

E o pequeno nobre foi crescendo, como Jesus, em "estatura, sabedoria e graça". Com a mãe aprendeu a rezar e a amar Jesus, e pelo zelo do seu pai iniciou-se muito novo numa árdua formação intelectual e cultural. Mas Afonso não era apenas mais um... este jovenzinho era especial, de tal forma que, conduzido pelo pai a seguir advocacia, foi preciso depois passar pelos trâmites legais de dispensa de idade para lhe poder ser concedido o doutoramento em ambos os direitos, civil e canónico: tinha apenas 16 anos quando, a 21 de Janeiro de 1713 "recebeu o canudo"!

O jovem Afonso começou a ser solicitado e logo se revelaram as suas qualidades: além de advogado justo e esforçado, tinha uma perspicácia e uma eloquência que lhe faziam ganhar todos os processos. E assim foi, sem perder um único processo, até ao grande dia 29 de Agosto de 1723... Afonso era advogado de uma das partes de um litígio que envolvia uma soma astronómica para a altura: 600.000 ducados! Afonso estava convencido da justiça das suas alegações, mas esqueceu-se de contar com a "eloquência" dos barris de vinho, propriedades e privilégios que o juiz recebera da parte adversária... Quando ouviu da boca do juiz a injusta sentença final, apenas virou as costas irado e gritou: "*Mundo, já te conheço; tribunais, jamais me vereis*". Aqui acabou a carreira do brilhante advogado Afonso.

Desde muito jovem que ele ia regularmente ao Hospital dos Incuráveis, perto do tribunal, ajudar aqueles doentes nos seus últimos momentos. Neste dia em que abandonou o tribunal, foi para lá também, e enquanto confortava os enfermos sentia continuamente no seu coração: "*Afonso, deixa o mundo, entrega-te a mim*". Afonso não resistiu mais ao que compreendeu ser a vontade de Deus; dirigiu-se à Igreja de Nossa Senhora das Mercês, rezou, e como sinal da sua mudança de vida, tirou o seu espadachim de cavalheiro nobre e depositou-o aos pés de Maria, para sempre. Deste dia fala o próprio Afonso como "*o dia da minha conversão*".

Decide ser padre e em 1726 é ordenado; tinha 30 anos. Fez voto de não perder um só minuto de tempo, e iniciou uma actividade missionária junto dos mais pobres dos bairros de Nápoles que era comentada já em toda a cidade. Mas o corpo não é de ferro... em 1730 estava de tal modo abatido fisicamente que os médicos o obrigam a retirar-se durante uns tempos para um local no monte onde estivesse tranquilo. Este monte tranquilo encontrou-o Afonso numa povoaçãozinha chamada Scala, não muito longe de Nápoles. Era uma pobre terra de pastores abandonados... em Nápoles havia milhares de padres, e aqueles pobres não tinham ninguém...

O seu descanso transformou-se imediatamente em missão para aquela gente, que para sempre conquistou o seu coração. Não mais seria das belas igrejas barrocas de Nápoles, mas dos descampados dos pobres como os de Scala.

Assim, em 9 de Novembro de 1732 nasceu a Congregação do Santíssimo Redentor (Redentoristas) com o fim de juntar e formar missionários disponíveis para evangelizar aqueles que estão abandonados do anúncio da Boa Nova de Jesus e aqueles para os quais Jesus já deixou de ser uma Boa Nova...

Entre as muitas dificuldades e desistências com as quais Afonso se vê rodeado, ele persevera, ainda que quase sozinho, pois sabe que se a missão é de Cristo nada a impedirá de crescer. Tinha razão! Em Janeiro de 1733 prega a primeira missão redentorista da história, e até hoje já lá vão muitos milhares... A Congregação cresce, floresce e tem um trabalho missionário fecundo. Afonso pregava, rezava, escrevia... Até que, quando ele próprio dizia já esperar a morte a qualquer instante, foi nomeado Bispo pelo Papa. Esperava a morte, e veio-lhe um bispado – que foi quase a mesma coisa porque o susto pô-lo gravemente doente!

Afonso era avesso a título e dignidades, e já se sentia velho: tinha 66 anos quando naquele 20 de Junho de 1762 o Papa o consagrou Bispo. Disse que não, o Papa não ligou; repetiu o não, o Papa não ligou; até que o Papa se cansou e o *obrigou* a ser Bispo de Santa Águeda dos Godos, uma diocese perto de Nápoles.

Santa Águeda dos Godos ganhava um Bispo missionário que rapidamente tornou a sua vida numa missão contínua. Em 1767 fica tão doente que pede ao Papa para resignar. O Papa apenas lhe responde: "*Faz mais você na sua cama doente, do que qualquer outro Bispo que para aí mandasse*". Ainda não chegara a altura de descansar... A velhice e a doença pareciam apenas exteriores, pois o seu zelo e o seu desejo de evangelizar continuavam joviais. Até que, em 1774 apresenta novo pedido de resignação ao Papa (pela quinta vez!!!), e em Julho de 1775 Pio VI aceitou-a. "Finalmente!" – terá dito Afonso.

Voltou para junto dos seus irmãos redentoristas na comunidade de Pagani onde esteve até à sua morte. A debilidade era tal que o corpo já nem permitia escrever. Restava-lhe rezar e velar pela sua Congregação que amava como Pai. E passam-se doze anos de doença atroz... Até ao dia 1 de Agosto de 1787... Os redentoristas iam chegando à comunidade de Pagani vindos de todas as comunidades já espalhadas pela Itália. Chegavam ao quarto do Fundador e beijavam-no como a um Pai. A última badalada da vida de Afonso já se antevia no horizonte, prestes a soar...

Quase 91 anos, e uma vida dedicada à missão.

Por volta do meio-dia, saltou definitivamente para os braços amorosos de Deus-Pai, e no Céu houve festa...

Rui Santiago cssr